

UNI-FACEF CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FRANCA

LAURA SILVA ALBANO

INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: Um estudo
de caso em uma cooperativa agrícola na cidade de Franca – SP.

FRANCA

2016

LAURA SILVA ALBANO

INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: Um estudo
de caso em uma cooperativa agrícola na cidade de Franca – SP.

Monografia apresentada ao Uni-FACEF
Centro Universitário de Franca para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas

Orientador: Prof. Dra. Ana Tereza Jacinto
Teixeira

FRANCA

2016

LAURA SILVA ALBANO

INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: Um estudo de caso em uma cooperativa agrícola na cidade de Franca – SP.

Monografia apresentada ao Uni-FACEF
Centro Universitário de Franca para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas

Franca, 10 de novembro de 2016

Orientadora: _____

Nome: Prof. Ms. Ana Tereza Jacinto Teixeira

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinadora: _____

Nome: Prof^a Ms. Fernandina Fernandes De Lima Medeiros

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinadora: _____

Nome: Prof^a Ms. Thalisa Maria Jati Gilberto

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Dedico este trabalho a todas as mulheres fortes que conheci primeiramente a minha bisavó, as minhas avós e a minha mãe, minhas grandes inspirações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- Primeiramente e inteiramente a Deus pela porta aberta a mim e pelas forças para conclusão deste curso e execução deste trabalho;
- Aos meus pais Paulo Cesar Albano e Fabiola Silveira Silva Albano que muito me apoiaram e me deram condições físicas e emocionais para continuar nesse caminho e chegar ao fim com mérito e honra, agradeço a educação e aos anos de dedicação concedidos a mim.
- Ao meu noivo Álex Ailton da Silva que se fez paciente e presente a todo o momento difícil, não me fazendo desistir e confiando sempre em meu potencial e capacidade, me dando forças para continuar, com muito amor e fé;
- Aos meus avós que muito me inspiram e me fazem querer chegar aonde chegaram;
- Aos meus amigos de vida, Kaylla Amorim, Franciel Rocha e Maria Laura Souza que sempre estavam presentes com discursos animadores e pacientes para que pudesse chegar ao fim deste caminho;
- Aos meus amigos de jornada na faculdade. Toda a sala de Ciências Econômicas formandos do ano de 2016, onde me fizeram enxergar que o meu lugar era naquele local, em especial Marina Fernanda, companheira de todos os momentos.
- Aos diretores e gerência da empresa do estudo de caso que me permitiram fazer a pesquisa para conclusão deste trabalho;
- A minha orientadora Profa. Dra. Ana Tereza Jacinto Teixeira pela paciência e dedicação ao meu trabalho e a mim, para que melhor fosse executado e para que a jornada fosse concluída com mérito e sucesso;

- E a todas mulheres que fizeram parte da minha vida e me inspiraram para que esse tema e trabalho fosse executado.

*O que é uma mulher? Eu lhes asseguro,
eu não sei. Não acredito que vocês
saibam.*

Virginia Woolf

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a inserção da mulher no mercado de trabalho. Diante dos dados históricos da evolução trabalhista e em específico da história da mulher na sociedade. Por conseguinte uma análise de gêneros no mercado de trabalho entre cargos e salários. Finalizando com um estudo de caso em comparação a evolução nas contratações entre homens e mulheres no ramo cooperativista e dissertação sobre a inserção do cooperativismo no país. O trabalho tem a conclusão sobre a evolução feminina no mercado de trabalho e socialmente no Brasil.

Palavras-chave: mercado de trabalho. feminino. cooperativismo. inserção. evolução.

ABSTRACT

This work aims to show the inclusion of women in the labor market. On historical data of the labor progress and in particular the history of women in society. Therefore an analysis of gender in the labor market between jobs and salaries. Ending with a case study compared the evolution in hiring men and women in the cooperative sector and dissertation on the Insertion of cooperativism in the country. The work is the conclusion on women's progress in the labor market and socially in Brazil.

Keywords: job market. female. cooperativism. insertion. evolution.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo mostrar la inclusión de las mujeres en el mercado laboral. En datos históricos de los avances de trabajo y, en particular, la historia de la mujer en la sociedad. Por lo tanto, un análisis de género en el mercado laboral entre puestos de trabajo y salarios. Terminando con un caso de estudio se comparó la evolución en la contratación de hombres y mujeres en el sector cooperativo y disertación sobre la inserción del cooperativismo en el país. El trabajo es la conclusión sobre el progreso de las mujeres en el mercado laboral y social en Brasil.

Palabras clave: mercado de trabajo. femenina. cooperativismo. inserción. la evolución.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A distância salarial em números.....	34
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estimativas do ocupados Regiões Metropolitanas 2011 a 2015	21
Tabela 2– Estimativas dos desempregados Regiões Metropolitanas 2011 a 2015...	21
Tabela 3– Cronologia da história femina 1792-1985.....	23
Tabela 4– Estimativa dos ocupados e desempregados 2013 a 2015.....	29
Tabela 5 - Distribuição das mulheres ocupadas, segundo nivel de instrução.....	32
Tabela 6 - Distribuição dos homens ocupados, segundo nivel de instrução.....	33
Tabela 7 - Quantidade de funcionários e divisão dos gêneros.....	41
Tabela 8 - Número de homens por mulheres contratadas.....	42
Tabela 9 - Percentual de funcionários da cooperativa Pecoop.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxas de participação.....	28
Gráfico 2– Distribuição das mulheres.....	31
Gráfico 3– Funcionários Pecoop 2011 a 2015	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. TRABALHO – A FORÇA DO TRABALHADOR	17
1.1 HISTÓRIA GERAL DO TRABALHO E TRABALHADOR.....	17
1.2 TRABALHO NO BRASIL.....	18
2. HISTÓRIA DA MULHER.....	23
2.1 A MULHER PELO MUNDO	23
2.2 O FEMINISMO.....	25
2.3 MULHERES NO BRASIL.....	25
3. MERCADO DE TRABALHO E MULHER	28
3.1 TRABALHO FEMININO ATUAL	28
3.2 MULHERES, ESCOLARIDADE E SALÁRIOS DESIGUAIS.....	30
4. O COOPERATIVISMO	36
4.1 HISTÓRIA	36
4.2 COOPERATIVAS E SEGMENTOS.....	37
4.3 COOPERATIVAS NO BRASIL.....	40
4.4 DADOS DE UMA COOPERATIVA AGRÍCOLA.....	41
CONCLUSÃO.....	44
REFERENCIAS.....	46
ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo, através de uma revisão bibliográfica, mostrar a evolução e inserção da mulher no mercado de trabalho em relação ao sexo oposto e suas desigualdades ao longo da história e na atualidade.

Trata-se de uma dissertação para análise do mercado de trabalho e sua anuência entre os gêneros, tendo por finalidade chegar a uma conclusão de que as diferenças mesmo que menores entre homens e mulheres, podem ainda existir.

Com todo o histórico feminino nota-se que devido às lutas sobre direitos iguais, as mulheres alcançaram melhores posições profissionais e sociais no mundo. Entretanto há muito ainda pelo que se lutar, porém a cada período as mudanças são visíveis.

Logo, em busca de reconhecimento da ascensão da mulher no mercado de trabalho, a questão mostra que ainda há esperança e prosperidade para igualdade da humanidade com relação ao principal tema aqui estudado comparando os gêneros feminino e masculino e seu sucesso no mercado de trabalho.

Para desenvolvimento desta pesquisa utilizar-se-á de pesquisa bibliográfica, através de material de apoio histórico e atual, entre livros, artigos e teses sobre o tema em questão. Pesquisa esta que se faz importante para elaboração do trabalho e análise da Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho, entre os anos de 2011 e 2015, com especificações no cooperativismo, realizando para tal um estudo de caso em uma cooperativa com análise dos dados entre os níveis de colaboradores de distintos gêneros.

Portanto a presente pesquisa será desenvolvida em quatro capítulos, sendo estes:

O primeiro capítulo vem mostrar a evolução do trabalho e a posição do trabalhador a cada período na História. Como era visto o trabalho humano e como este adquiriu reconhecimento e melhores direitos pelas funções exercidas.

No segundo capítulo será abordada a história feminina na sociedade e especificamente no mercado de trabalho, os preconceitos passados e as desigualdades sofridas.

No capítulo sobre *Mercado de Trabalho e Mulher* será analisado o cenário atual e as estatísticas em relação ao gênero masculino no campo de trabalho e suas diferenças entre cargos e salários. Mostra ainda a evolução da mulher nos últimos anos em relação aos homens.

No último capítulo além de especificações sobre o cooperativismo e uma cooperativa usada como estudo de caso, será analisado o quadro de colaboradores e suas diferenças entre quantidades de contratos de homens e de mulheres.

Nesse sentido o presente trabalho tem por objetivo chegar a um julgamento sobre a inserção e ascensão da mulher no campo profissional e social atualmente, além de fazer um estudo em uma empresa do ramo cooperativo.

1 TRABALHO – A FORÇA DO TRABALHADOR

A força exercida pelo homem se denomina trabalho, aquilo que lhe sustenta e lhe da ocupação ao longo do tempo. Neste capítulo será mostrado a evolução desse trabalho ao longo da história geral do mundo, no Brasil e as definições do mesmo.

1.1 HISTÓRIA GERAL DO TRABALHO E TRABALHADOR

Segundo o dicionário a definição de trabalho se dá por “Qualquer ocupação manual ou intelectual”, ou seja, tudo aquilo que ocupa a mente e o corpo humano para conquista de algo ou transformação de uma matéria em objeto, é denominado trabalho, seja ele assalariado ou não.

Desde a era Pré-Histórica tem-se registros do trabalho humano, como a transformação da pedra em ferramentas para a caça, cujo instrumento servia aos primitivos para que se alimentassem e sobrevivessem.

Nos primórdios considerava-se o trabalho escravo como sendo pesado onde apenas pessoas de inferior poder monetário o faziam, esses não eram assalariados e exigiam grandes esforços físicos.

Com o avanço de novas formas de trabalho surgem relações de poder onde os que detinham o poder ficaram sendo os senhores dos escravos, este ultimo fazia o mais diversificado trabalho desde construir palácios a ser empregado domestico na casa do seu senhor, este tipo de modo de trabalho perdurou até o fim do período antigo [...] (<http://historiabruno.blogspot.com/2013/04/a-historia-do-trabalho.html#ixzz4CuvZjpQp>, acesso dia 28/6/2016)

Após esse período de muitos anos se adentrou ao Período Feudal, que nada mais era do que trabalhadores da terra que faziam a produção em uma propriedade de um senhor feudal e recebiam pelos seus serviços, mercadorias da terra a qual cultivavam ou pedaços dela para gerar seu próprio sustento.

Segundo OLIVEIRA (1995) as relações do Feudalismo se concretizam primordialmente no campo, onde o produtor direto não é proprietário da terra e trabalha para o senhor sob formas de dependência social e jurídica legitimadas pelo poder político.

O fim do Feudalismo para o início do Capitalismo se deu por conta das trocas de mercadorias e a evolução desses escambos para criação de moedas e formas mais fáceis e diretas de comércio, ou seja, o Mercantilismo.

De acordo com OLIVEIRA (1995):

A transição do feudalismo para o capitalismo tem como características básicas [...] o incremento das trocas externas, da circulação monetária, o avanço da propriedade absoluta e individual, o aumento das populações trabalhadoras e da importância da cidade (OLIVEIRA, 1995, p. 68)

Nas relações de trabalho o avanço não é tão considerável, pois o ato de cooperação do trabalho e divisão dos meios ainda pesa nesse período. Não enxergam a produção e o trabalhador como uma forma de individualista, tudo era de todos. Essa cooperação só irá desaparecer a partir da manufatura.

A manufatura período, após o Feudalismo, seria a princípio têxtil, com processos que iriam acelerar as divisões de trabalho no Capitalismo, apesar do motivo maior e mais explicativo do capitalismo ter dado através da Revolução Industrial, essa abrirá várias definições e divisões explicativas do trabalho mais eficientes.

Dividida em duas partes, a Revolução Industrial, se dá no primeiro período entre 1760 a 1850 com avanços mais tecnológicos e sociais e a outra com a expansão da maquinaria entre 1850 a 1900.

Segundo OLIVEIRA (1995) a chamada Revolução Industrial não se constituiu apenas no emprego de máquina na produção, substituindo o trabalho manual. O expressivo crescimento da produção eliminou logo as formas anteriores de apropriação do trabalho, baseadas no controle do Estado e das Corporações.

A definição de mais-valia se originou no mesmo período, onde o trabalho excessivo não era pago ou não remunerado pelo empregador ao empregado. Com isso vieram os grandes movimentos de operários por maiores direitos e melhores condições de trabalho, fazendo com que criassem os sindicatos e novas formas de melhoria no trabalho industrial. Condições humanas foram criadas para que o empregado produzisse mais e assim se desenvolvessem significativamente.

1.2 TRABALHO NO BRASIL

O trabalho no Brasil inicia-se logo a partir dos índios, onde as mulheres já eram inclusas nos serviços gerais para sobrevivência das aldeias. Os homens eram responsáveis pela caça e pesca, mas suas mulheres ficavam por conta das plantações e alimentação de toda a aldeia, já que toda a sobrevivência era através da agricultura, e claro dos cuidados com os filhos.

Com a chegada dos portugueses essas divisões foram destruídas, a divisão trabalhista passa a ser integral para a retirada do Pau Brasil, riqueza procurada e explorada totalmente pelos colonizadores até o ano de 1530, onde começaram a cultivar a cana de açúcar e conseqüentemente o começo da utilização da mão de obra escrava.

Neste período existiam divisões sociais extrema, no quadro abaixo pode-se notar as diferenças de classes e as definições de cada uma.

DIVISÃO SOCIAL - BRASIL COLONIAL
Senhores de engenho: possuíam poder social, familiar, político e econômico. A casa-grande, habitação dos senhores de engenho e sua família, era o centro deste poder. Este grupo social tinha forte influência nas Câmaras Municipais, principal pólo de poder político das cidades na época colonial.
Homens livres: eram em sua maioria funcionários assalariados do engenho (capatazes, por exemplo), proprietários de terras sem engenho, artesãos, agregados e funcionários públicos.
Escravos: formavam a base dos trabalhadores nos engenhos de açúcar. Tinham como origem o continente africano, sendo comercializados no Brasil. Era o grupo mais numeroso da sociedade açucareira. Em função das péssimas condições em que viviam, dos castigos físicos e da ausência de liberdade, possuíam baixa expectativa de vida (no máximo até 35, 40 anos). Resistiram à escravidão através de revoltas e fugas para a formação dos quilombos.

Fonte: http://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/sociedade_acucareira.htm,
acesso 5/7/2016.

Chegava o fim da escravidão, a abolição conhecida pela Lei Áurea no ano de 1888, assinada pela princesa Isabel, libertando cerca de 700 mil escravos. Porém

essa não fez com que os escravos possuíssem espaço na sociedade uma vez que não detinham estudos e condições de sobrevivência.

Após esse período imigrantes começam a ocupar o espaço dos escravos, como havia necessidade de mão de obra a imigração aumentou consideravelmente por motivos de trabalho no país, assim, eram assalariados, com novas técnicas de produção, porém de baixa renda e pagavam diversos impostos por faltas ou erros cometidos, não se desconsiderando um tipo novo de escravidão.

Nesta fase a transição o que ocorreu foi à adaptação do trabalho livre ao regime servil. Por mais que houvesse uma remuneração simbólica ao final da produção, o colono era cativo da terra em que trabalhava, era visto como inferior em posição semelhante ao do negro escravo. (<http://profetadopassado.blogspot.com.br/2010/07/breve-historico-do-trabalho-no-brasil.html>, acesso 5/7/2016)

Posteriormente ainda havia exploração de horas trabalhadas, mulheres e crianças, sem direitos e sem defesas aos trabalhadores. A partir desse período começaram as greves e revoluções dos empregados, brigando por direitos e melhor condições de trabalho.

Com essas revoluções, a industrialização no Brasil dá origem a melhores condições de trabalho e salários, atraindo trabalhadores rurais aos pólos comerciais, movimentos indústrias, devido ao café e investimentos na infra-estrutura de produção. E como auxílio indireto, a primeira Guerra Mundial veio para intensificar essa industrialização e produção interna.

A industrialização a cada década ia se expandindo mais, em automóveis e construções, como também as siderúrgicas e a Petrobrás, maior investimento nacional em petróleo da época.

[...] entre 1930 e 1955, momento em que a indústria recebeu muitos investimentos dos ex-cafeicultores e também em logística. Assim, houve a construção de vias de circulação de mercadorias, matérias-primas e pessoas, proveniente das evoluções nos meios de transporte que facilitaram a distribuição de produtos para várias regiões do país (muitas ferrovias que anteriormente transportavam café, nessa etapa passaram a servir os interesses industriais). Foi instalada no país a Companhia Siderúrgica Nacional, construída entre os anos de 1942 e 1947, empresa de extrema importância no sistema produtivo industrial, uma vez que abastecia as indústrias com matéria-prima, principalmente metais. No ano de 1953, foi instituída uma das mais promissoras empresas estatais: a PETROBRAS (<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-industrializacao-brasileira.htm>, acesso 5/7/2016)

A partir de 1955 houve certo equilíbrio entre as classes trabalhadoras, com a estabilidade da moeda e da economia. Mesmo com alguns deslizes econômicos o Brasil é considerado emergente, mas, seus níveis de trabalho formal são consideravelmente significativos no mercado.

Entre os anos de 2011 a 2015 nota-se nas tabelas 1 e 2 as taxas de estimativa de cidadãos ocupados e as taxas de desemprego, respectivamente.

Tabela 1 – Estimativas dos ocupados Regiões Metropolitanas nos anos 2011 a 2015 (em 1.000 pessoas)

Períodos	Distrito Federal	Fortaleza	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
2011	1.229	1.632	1.818	1.522	1.442	9.628
2012	1.269	1.657	1.832	1.600	1.512	9.741
2013	-	1.668	1.840	1.615	1.520	9.722
2014	-	1.719	1.800	1.630	1.545	9.758
2015	1.314	1.684	1.769	-	1.500	9.621

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Tabela 2 – Estimativas dos desempregados Regiões Metropolitanas nos anos de 2011 a 2015 (em 1.000 pessoas)

Períodos	Distrito Federal	Fortaleza	Porto Alegre	Recife	Salvador	São Paulo
2011	174	159	143	237	260	1.130
2012	178	162	138	218	325	1.192
2013	-	145	126	241	341	1.128
2014	-	141	113	231	325	1.182
2015	221	158	169	-	345	1.463

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Colocando em ordem crescente de empregados pode-se notar que a Região Metropolitana de São Paulo, possui significativamente a maior população ocupada, mas em contra partida também possui a maior população desempregada.

Em comparação, às outras regiões, verifica-se que não há crescimento de ocupados mesmo quando há uma intensificação no desemprego. Observando como o Distrito Federal mostra essa relação. Em 2011 o número de ocupados era de 1.229 e desempregados de 174, já em 2015 os ocupados tiveram um aumento de aproximadamente 7% na estimativa de empregados, entretanto houve um aumento também de desempregados, aproximadamente 30%, sendo 23% a mais de desempregados em relação aos novos ocupados.

Explicações para os dados se podem dar através do aumento de população, possibilidade que concluiria distorções como estas nas estimativas.

Apesar de grandes desproporcionalidades nas estimativas, nota-se que em pouca análise há uma elevação ao longo dos anos no número de pessoas empregadas, deixando o país aberto a novos investimentos no setor trabalhador, porém ainda sendo um dos países emergentes com riscos na economia interna.

2 HISTÓRIA DA MULHER

No decorrer dos anos é difícil de notar uma diferença na inserção da mulher no mercado de trabalho e uma melhora de sua independência no mundo.

Segundo Philip Abrams (1982), ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica, elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. Mas, sobretudo porque, para o historiador, em função do processo permanente de estruturação social, assim denominado por Philip Abrams, as mulheres vivem e atuam no tempo.

Mesmo que se tente definir o que aconteceu e como foi essa revolução feminista ao longo dos anos, não se pode ser exato, pois conforme essas diferenças de nações, culturas, classes etc., a cada local foi dada uma independência diferente e em outros esta independência ainda não se pode considerar conquistada.

2.1 A MULHER PELO MUNDO

Ao longo dos tempos houve várias conquistas por grandes mulheres que fizeram com que o mundo fosse mais justo e igualitário. A tabela 3 mostrará a cronologia do direito e conquistas femininas pelo mundo:

Tabela 3- Cronologia da história feminina (1792 – 1985)

<i>Ano</i>	<i>História</i>
1792	Inglaterra – Mulheres com direito ao voto
1857	EUA - No dia 8 de março, dia este que se comemora até os dias de hoje o Dia Internacional da Mulher, 129 operárias foram queimadas vivas ao reivindicarem a redução da jornada de trabalho e a licença maternidade, desde então esse dia é em homenagem a elas.

1893	Nova Zelândia - Mulheres pela primeira vez tem direito a voto
1920	EUA - Direito ao voto se estende as mulheres dos Estados Unidos
1945	A igualdade entre homens e mulheres é reconhecida internacionalmente
1951	Aprovada a igualdade de remuneração entre gêneros no trabalho
1975	Argentina - ONU proclamou e promoveu um evento no México que denominava o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher
1985	Nações Unidas- Neste ano foi criada a UNIFEM - Fundo de desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher.

Fonte: Elaboração própria.

As mulheres eram vistas como serviçais e submissas ao homem. Estas tiveram direito de trabalhar apenas quando havia guerras em que os homens não estavam presentes então eram mandadas às industriais para fazer os serviços para que a produção não parasse.

Segundo PINSKY (2014):

Entre os anos 1945 e 1964 preconceitos excluirão desse mercado muitas mulheres (várias qualificadas e com suficiente preparo educacional). Porém, a evolução do emprego feminino foi sem dúvida um dos fatores de maior influência no conjunto das transformações por que passaram as relações homem e mulher e os significados de gênero nessa época (PINSKY, 2014, p. 176).

Não tinham direito às escolhas básicas como casamento, estudos e aquilo que lhes era imposto seguiam à risca, quando não mandadas em casa por seus pais, eram por seus maridos futuramente.

As meninas com idade de 12 ou 13 anos podiam contrair matrimônio com homens de até 70 anos, os pais quando sua filha de 14 ou 15 anos não se casara ainda ficavam inquietos. As mulheres desde muito cedo deviam ter seus sentimentos abafados, sendo assim, o pai era quem escolhia o casamento da filha (SANTOS; SACRAMENTO, Revista Anagrama, 2011).

Em alguns países pode-se ver relatos de ainda existir este tipo de cultura como na Índia e outros países da Ásia.

Mesmo com leis e regulamentações ao longo dos anos esses direitos feministas não são atuantes em todo o mundo e nem aceitos, onde as mulheres são submetidas a situações em que chegam ser desumanos para sobrevivência.

2.2 O FEMINISMO

O feminismo teve início no século XIX, com movimentos e correntes liderados por mulheres reivindicando direitos e liberdades iguais as dos homens.

O movimento feminista contemporâneo surgiu nos Estados Unidos, na segunda metade da década de 1960, e se alastrou para diversos países industrializados entre 1968 e 1977. A reivindicação central do movimento feminista contemporâneo é a luta pela "libertação" da mulher. O termo "libertação" deve ser entendido como uma afirmação da diferença da mulher, sobretudo em termos de *alteridade*. Com base nessa ideia, o movimento feminista busca novos valores, que possam auxiliar ou promover a transformação das relações sociais ou da sociedade como um todo. (<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>, acessado 21 de março de 2016)

Essas lutas não se baseavam apenas em direitos a voto, como também a trabalho e até ao divórcio. Estavam em busca de escolha, visando a mulher e os seus direitos, tratava-se de abolir essa concepção de que mulher é o sexo frágil ou mais sensível que os homens.

Os movimentos feministas ainda existem e há mulheres que são adeptas dos conceitos com os quais foram criadas, lutando com a ideia de que mulher não foi feita apenas para ficar em casa e cuidar dos filhos, mas sim ser dona de si mesma e fazer do seu destino aquilo que ela achar melhor, sem que seja controlada como faziam seus antepassados.

2.3 MULHERES NO BRASIL

Subtende-se que os movimentos femininos no Brasil se deram apenas por direitos a educação e ao voto, porém essa concepção é um pouco distorcida, pois muito antes de haver movimentos denominados feministas, índias e negras lutavam por seus direitos a liberdade em seus países de origem.

Atrizes e escritoras brasileiras faziam em suas personagens e livros, na maioria das vezes escondidas e nas entre linhas, uma luta invisível aos direitos femininos, que as colocaram como as primeiras guerreiras pela igualdade da mulher.

No Brasil os primeiros passos para os direitos das mulheres foram dados em 1827 com a lei que permitia a educação básica a elas, porém o ensino superior ainda era restrito.

Entre 1832 e 1879 os direitos femininos brasileiros se deram em torno da educação, sendo este o ano por último citado em que as mulheres foram autorizadas a estudar em instituições do nível superior, essas muitas vezes sofreram de preconceitos e exclusão da sociedade.

No século XX começa a luta para o direito a voto das mulheres brasileiras. Esse direito foi dado apenas em 1932 com Getúlio Vargas, porém de 1937 a 1945 o Decreto 3199 que instituiu o Estado Novo proibia às mulheres a prática de esportes por considerá-las incapazes sendo que esta foi regulamentado em 1965.

Comenta PINSKY; PEDRO (2012), a educação submissa e obediente era composta as meninas desde sua infância, onde deveriam ser doces e educadas com todos, nos anos 1950, esperava-se que as meninas fossem dóceis, meigas e serenas, brincassem com bonecas e panelinhas e evitassem subir em árvores e nadar em rios como faziam os garotos.

Com o passar do tempo o que lhes sobrava era casar-se novas e serem mandadas por seus maridos nesses anos ainda de luta pelos direitos.

Entretanto, em 1962 foi à grande revolução feminina, onde as mulheres casadas tinham então um estatuto que permitia trabalhar sem a autorização dos seus maridos, receber herança e em caso de separação tinham direito à guarda dos filhos sendo portanto, uma grande mudança para a conjuntura brasileira.

Um pouco mais à frente em 1979 é eleita a primeira Senadora brasileira, ano em que a convenção para a Eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher foi adotada pela Assembléia Geral do país e em subsequência é somente em 2010 que a primeira presidente brasileira estava sendo eleita, Dilma Rousseff.

Assim no século XXI, em 2006, houve mais uma revolução histórica do direito feminino o surgimento da lei vigora até os dias de hoje, esta lei é a que mais dá proteção às mulheres que sofrem de alguma violência, seja verbal ou física: Lei Maria da Penha.

Com o passar dos anos as mulheres tiveram grandes conquistas e direitos reivindicados, porém mesmo nos dias atuais pode-se verificar no dia a dia que ainda existe uma diferença entre o tratamento de homens e mulheres.

Hoje algumas empresas que antes não contratavam mulheres, pois designavam o trabalho como masculino, construtoras, empresas de transporte público, coletas de lixo, entre outras já mudaram sua postura. Entretanto os movimentos feministas ainda precisam se preocupar, porém com salários desiguais, preconceitos, violência e direitos não reconhecidos ainda, apesar das lutas e das conquistas.

Em 1951 foi aprovado, a igualdade de remuneração entre homens e mulheres, porém essa é uma das realidades em que ainda há lutas pelo mundo, pois uma mulher que exerce uma função igual ao homem pode ganhar em média cerca de 30% a menos pelo mesmo serviço executado.

Teoricamente entende-se que o gênero feminino voltou ao princípio da luta do século XIX, onde se buscava sempre uma igualdade, diferente desse distanciamento que vive atualmente, dois séculos depois.

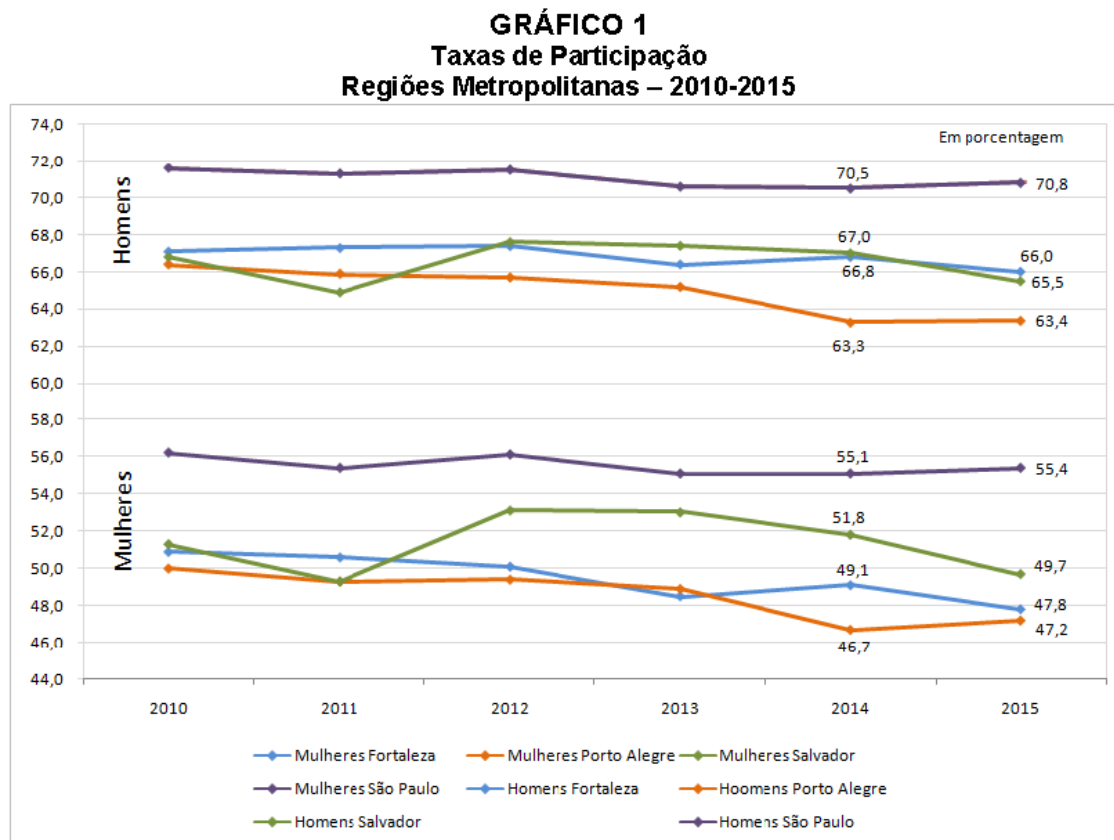
3 MERCADO DE TRABALHO E MULHER

Com a constante evolução das mulheres no mercado de trabalho, nesse capítulo serão apresentados os dados e analisados para expressar realmente como está à inserção feminina e a desigualdade de gênero no âmbito profissional do Brasil.

3.1 TRABALHO FEMININO ATUAL

Entre os anos de 2010 e 2015 houve grandes conquistas femininas na participação do mercado de trabalho, em comparação aos homens. No gráfico1 observa-se que existem, em algumas regiões, diferenças entre os sexos.

Gráfico 1 – Taxas de Participação – DIEESE



Fonte: Convênio DIEESE – SEADE, MTE/FAT e Convênios Regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Em Salvador nota-se uma elevação na participação da mulher, intensificada entre os anos de 2011 e 2013, e depois uma queda considerável entre 2014 a 2015 de 2,1%, porém o mesmo acontece com o gênero masculino em menores proporções de crescimento e declínio.

Em análise ao gráfico 1 pode-se dizer que houve uma redução geral dos ocupados nas regiões metropolitanas brasileiras, tanto em taxas masculinas como femininas, assim nota-se que o desemprego aumentou relativamente em todo o país.

Segundo a pesquisa do Sistema PED (2016), em todas as regiões, onde é possível a comparação com o ano de 2014, as elevações nas taxas de desemprego refletiram a queda no nível ocupacional. Diferente do que ocorreu na última década, em que a redução da taxa de desemprego esteve associada ao crescimento da atividade econômica e, por conseguinte, ao aumento da ocupação.

A tabela 4 apresenta a relação de homens e mulheres nas regiões metropolitanas entre empregados e desempregados, algumas regiões não possuem dados em 2013, mas na análise se nota diferenças entre os anos de 2014 e 2015.

Tabela 4 - Estimativa dos ocupados e desempregados, segundo sexo, regiões metropolitanas – 2013 a 2015 (em 1.000 pessoas)

Regiões Metropolitanas	2013			2014			2015		
	Total	Ocupados	Desemp.	Total	Ocupados	Desemp.	Total	Ocupados	Desemp.
Mulheres									
Distrito Federal	-	-	-	-	-	-	743	623	120
Fortaleza	822	742	79	841	768	73	831	752	79
Porto Alegre	910	842	68	881	824	58	899	817	81
Salvador	902	701	201	898	717	181	879	698	180
São Paulo	5056	4462	594	5076	4459	619	5.165	4.426	739
Homens									
Distrito Federal	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fortaleza	991	926	66	1019	951	68	1011	932	79
Porto Alegre	1021	965	56	997	944	53	1039	952	88
Salvador	959	819	140	972	828	144	966	802	165
São Paulo	5794	5260	534	5864	5299	563	5.919	5.195	724

Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Como expressado anteriormente a elevação no desemprego entre os anos mais próximos, foi geral para ambos os gêneros, mesmo com a aproximação das taxas, mulheres ainda continuam com a maior taxa de desemprego em relação aos homens, enquanto 724 homens estão desempregados dentro do total de 5.919 dando uma porcentagem de 12,2%, as mulheres têm uma porcentagem de 14,3% de desempregadas em relação ao total no ano de 2015.

A redução em número de ocupados no país pode-se explicar pela crise instalada no Brasil a partir de 2014, isto porque dados anteriores mostravam que o desemprego não atingia em grande proporção maioria do povo brasileiro, mas, após a elevada taxa de inflação e déficit no orçamento governamental esta taxa que menos podia sofrer danos começou a crescer e as rendas diminuir. Assim, conseqüentemente à essas causas, dava-se início a era do desemprego.

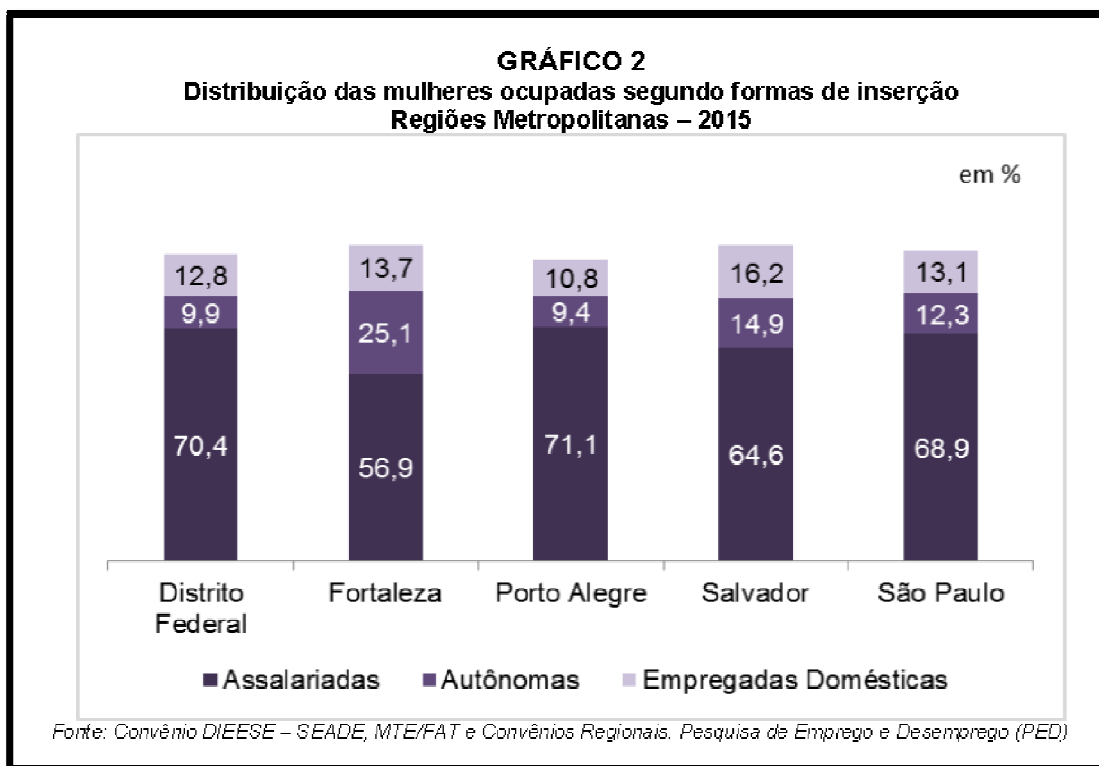
Desde 2013 pode-se notar a diferença entre os homens e as mulheres, mesmo ambos tendo quedas no número de empregados as proporções para homens se deu menos que para mulheres.

3.2 MULHERES, ESCOLARIDADE E SALÁRIOS DESIGUAIS

Avanços são mostrados constantemente pelas pesquisas realizadas no país, mulheres melhores escolarizadas ganham maiores espaços no mercado de trabalho e a condição de doméstica ou do lar diminuiu com as melhores condições de estudo.

Em uma análise por grau de instrução, por exemplo, os dados apontam um aumento significativo da participação das mulheres no mercado de trabalho formal no País. Com exceção do Ensino Médio, as mulheres vêm ganhando espaço no mercado formal, tendo sua participação alcançado 52,17%, nos níveis de Instrução Superior Incompleto e 58,93% nos níveis de Instrução Superior Completo (<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/03/presenca-feminina-aumenta-no-mercado-formal-de-trabalho>, acesso 6/7/2016)

Com relação aos trabalhos domésticos, eles ainda existem na era feminista, identificam-se no gráfico 2 as regiões com porcentagens desses trabalhos no ano de 2015 e a relação com os outros tipos de emprego.

Gráfico 2 – Distribuição das mulheres – DIEESE:

A região metropolitana com menor porcentagem no número de empregadas domésticas está localizado em Porto Alegre, como também a menor em autônomas, porém a maior em empregadas assalariadas, pode-se notar que o campo para mulheres, aparentemente, está mais favorável do que nas outras regiões.

Mesmo com o declínio nos empregos durante 2014 e 2015, as mulheres vêm avançando no mercado de assalariados ocupados, um campo que apenas era preenchido por homens e que hoje está rumo ao equilíbrio de gêneros.

Com todas as mudanças havidas, as mulheres ainda podem enfrentar dificuldades no que diz respeito a igualdade com os homens e um desses fatores se dá com relação aos salários. Em reportagens do ano de 2015 foram citados trechos que mulheres brasileiras em cargos maiores ainda ganham em média 30% menos que os salários masculinos, em igual patamar.

Segundo notícia do site G1 (2015) e o anexo 1, o salário das mulheres têm subindo ano a ano mais do que o dos homens, mas ainda há diferença na remuneração

quando eles ocupam a mesma função. A pesquisa anual da Catho indicou que os homens ganham, em média, até 30% a mais. Quanto menor o cargo, maior é a diferença. No cargo de técnico, por exemplo, um homem ganha R\$ 2.300 e uma mulher R\$ 1.800. Na gerência, o salário do homem é de R\$ 19.200 e o da mulher R\$ 18.600.

Pequenas porcentagens nas diferenças de salários continuam a mostrar que essas desigualdades após anos de lutas feministas ainda não foram superadas. Assim observa-se que em média um técnico de uma empresa teria para exercer o cargo um ensino médio e a mulher também, porém é constatado que as mulheres estão investindo em sua escolaridade e mesmo assim ficando abaixo dos homens em remuneração.

Tabela 5 – Distribuição das mulheres ocupadas, segundo nível de instrução – Região Metropolitana de São Paulo – 2010 a 2015:

Período	Distribuição dos Ocupados (%)					
	Total	Nível de Instrução				
		Analfabeto	Ensino	Ensino	Ensino	Ensino
			Fundamental Incompleto (1)	Fundamental Completo (2)	Médio Completo (3)	Superior Completo
2010	100,0	1,5	20,8	14,4	44,4	18,8
2011	100,0	1,3	19,4	14,7	44,7	20,0
2012	100,0	1,2	18,6	14,4	45,2	20,5
2013	100,0	1,3	17,9	14,0	46,1	20,7
2014	100,0	1,1	17,0	13,9	45,7	22,3
2015	100,0	1,1	15,7	13,4	46,9	22,9

Observa-se que na tabela 5 e 6 há os níveis de escolaridade das pessoas, mulheres e homens, ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo, uma das mais influentes no mercado de trabalho brasileiro. A porcentagem de analfabetos vem diminuindo de 2010 a 2015, porém ainda se faz presente na sociedade.

Tabela6 – Distribuição dos homens ocupados, segundo nível de instrução – Região Metropolitana de São Paulo – 2010 a 2015

Período	Distribuição dos Ocupados (%)					
	Total	Nível de Instrução				
		Analfabeto	Ensino Fundamental Incompleto (1)	Ensino Fundamental Completo (2)	Ensino Médio Completo (3)	Ensino Superior Completo
	2010	100,0	1,9	24,6	18,5	41,2
2011	100,0	1,6	23,8	18,5	41,5	14,6
2012	100,0	1,7	22,8	18,7	41,8	15,0
2013	100,0	1,6	22,3	18,3	42,5	15,4
2014	100,0	1,4	20,9	18,2	43,6	15,8
2015	100,0	1,4	19,3	18,1	44,8	16,3

(1) Inclui alfabetizados sem escolarização.

(2) Inclui Ensino Médio Incompleto.

(3) Inclui Ensino Superior Incompleto.

Fontes: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT.

O número percentual de analfabetos homens é maior que o de mulheres, e consequentemente o número de nível superior de mulheres é 2% aproximadamente maior que o de homens, porém não faz sentido os salários femininos serem menores que os masculinos.

A porcentagem masculina é maior que os das mulheres até o ensino fundamental completo, porém no ensino médio completo e no superior completo as mulheres se destacam com melhores resultados e mais escolaridade.

Apesar do Brasil, como mostra na figura 1, ser o país com maiores desigualdades salariais entre gêneros, ainda existem em todo o mundo diferenças entre os homens e mulheres, com níveis escolares iguais, mas com privilégios e desvantagens distantes.

Figura 1 – Publicada no site Istoé.



Fonte: Fotos: ARNE DEDERT/DPA; Mel Evans/AP

Photo http://istoe.com.br/351254_MESMO+NO+TOPO+ELAS+AINDA+GANHAM+MENOS, acesso 6/7/2016.

Segundo o site *Huffpost Brasil* e de acordo com o Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016, uma pesquisa atual realizada mostra em números as diferenças reais existentes entre salários masculinos e femininos no mundo.

O Brasil é um dos 15 países com maior disparidade salarial entre homens e mulheres, encontra-se em 129ª posição em pesquisa realizada com 144 países sobre a diferença salarial de gêneros, comenta BELLONI (2016), conforme o Anexo 2:

O número de mulheres em cargos altos e de chefia também se mantiveram baixos. Apenas quatro países no mundo têm números iguais de políticos, oficiais de alto escalão e executivos homens e mulheres. Neste quesito o Brasil está em 33º lugar. (http://www.brasilpost.com.br/2016/10/26/brasil-desigualdade-de-genero-trabalho_n_12654486.html?utm_hp_ref=mulheres, acesso em 30/10/2016)

Com novas oportunidades, mesmo que desiguais, a mulher brasileira criou coragem para maiores investimentos e vãos mais altos, a porcentagem de mulheres que ocupam cargos importantes em empresas e donas do seu próprio negócio cresce cada vez mais, abrangendo campos antes não pensados pelos homens.

Dizem alguns empresários, que as mulheres são mais centradas e melhores planejadoras, facilitando muito a liderança e o processo de desenvolvimento da empresa, mesmo com tantas dificuldades, assédios, desigualdades e preconceitos, não há mais espaço em que a mulher não consiga ocupar.

4. O COOPERATIVISMO

O cooperativismo é uma excelente alternativa para os trabalhadores e para as empresas, para os primeiros é uma forma de evitar o desemprego e serem donos do próprio negócio, já para os empresários é uma forma de reduzir custos.

4.1. HISTÓRIA

Sabe-se que o homem, como sociedade, desde os primórdios já vivia em grupos e se sustentavam com aquilo que havia de disponível na natureza.

Posteriormente, com a revolução econômica, devido as trocas, mais conhecidas como *escambo*, fez surgir uma figura intermediária entre produtor e consumidor: o comerciante. Fruto deste comércio surge então a moeda, meio de troca para negociações e crédito do ser humano.

Segundo o *Sescoop* (2007) a história da humanidade relata que o ser humano pratica a união há milhares de anos, pois há exemplos de egípcios, gregos, romanos e, mais recentemente, dos incas, maias e astecas, que se valiam da união na arte de caçar, pescar, construir e cultivar a terra.

Ao longo da história é possível encontrar dados descritos como atos de cooperação, em estudos históricos houve divisões de terras entre os sec. IV a.C na Grécia Antiga, em Roma havia no sec. II as *Escolas Coletivas* onde as pessoas aprendiam diversas profissões devido à ajuda mutua.

Entre outras sociedades com idéias cooperativistas pode-se citar Rússia, França e até no México.

Durante a Revolução Francesa devido a vários fatores econômicos e sociais fez se criar um vértice filosófico chamado Triângulo Equilátero Perfeito dos Iluministas franceses – Liberté, que deu origem aos liberais econômicos, enriquecendo os capitalistas e alavancando a indústria. Porém houve, devido aos lucros acumulados pelo fator capital, um desequilíbrio, surgindo assim um segundo vértice chamado de Triângulo Equilátero Perfeito dos Iluministas – Égalité, porém essa ultima dividiu a sociedade e a filosofia em duas: utópicos e revolucionários.

O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (2007) explica:

Em meados do sec. XVIII surgiu a chamada Revolução Industrial. A mão de obra perdeu grande poder de troca. Os baixos salários e a longa jornada de trabalho trouxeram muitas dificuldades socioeconômicas para a população. (Sescoop, 2007, p. 17).

Os utópicos que foram os pioneiros ao surgimento do Cooperativismo, propunham a criação de uma alternativa econômica ao capitalismo, onde o trabalho seria mais bem visto e defenderia aqueles que se sentissem oprimidos e explorados pelo sistema julgado.

O modelo de trabalho cooperativista surgiu há cerca de 200 anos: a primeira cooperativa foi criada pelos Pioneiros de Rochdale, em 1844, em Manchester, na Inglaterra. Participaram da iniciativa 28 tecelões. O objetivo era driblar os efeitos da Revolução Industrial que escravizava os funcionários com carga horária excessiva e salários baixos. Influenciado por esta realidade, o grupo deu início à primeira cooperativa instituída no mundo, segundo SESCOOP (2007).

Assim surgiram os pensamentos e ideias cooperativistas do mundo, sendo influentes na atualidade.

4.2 COOPERATIVAS E SEGMENTOS

Os sete princípios do cooperativismo são as linhas orientadoras por meio das quais as cooperativas levam os seus valores à prática. Foram criados e utilizados na fundação da primeira cooperativa do mundo, na Inglaterra, em 1844 e permanecem até hoje. São eles:

Comenta SESCOOP (2007), os princípios e atuações cooperativas:

1º - Adesão voluntária e livre - as cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminações de sexo, sociais, raciais, políticas e religiosas.

2º - Gestão democrática - as cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das

suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto); as cooperativas de grau superior são também organizadas de maneira democrática.

Existem vários ramos e graus de cooperativas.

- I. Primeiro grau - são cooperativas onde seus cooperados são a base social;
- II. Segundo grau - centralizadas em um determinado objetivo, mais abrangente, estadual;
- III. Terceiro grau – objetivo principal defesa dos interesses comuns dos seus associados no âmbito nacional.

Ramos como: Agropecuárias; Consumo; Crédito; Mineração; Produção; Saúde; Trabalho Turismo e vários outros.

3º - Participação econômica dos membros - os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão. Os membros destinam os excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades:

- Desenvolvimento das suas cooperativas, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelo menos será, indivisível;
- Benefícios aos membros na proporção das suas transações com a cooperativa; e
- Apoio a outras atividades aprovadas pelos membros.

Os membros devem participar ativamente da cooperativa, como em assembleias, comitês e eleições.

- A) Assembleias ordinárias é uma convocação após o exercício social para mostra dos resultados e decisão de sobras, pendências, eleições etc.

B) Assembleias extraordinárias convocação sempre que necessário mediante uma solicitação formal de assunto a ser tratado com os membros.

Existem conselheiros que são representantes dos associados para defender a cooperativa, estes se dividem em Conselho Fiscal e Conselho Administrativo. Os fiscais são de ordem mais econômica, verificar como estão saldos das cooperativas, burocracias, leis e se está tudo dentro dos conformes. Já os administrativos são para representar internamente a cooperativa, verificar ações internas e se serviços estão sendo encaminhados corretamente.

O conselho fiscal tem mandato de um ano e tendo que ser trocados 2/3 dos seus membros, e o administrativo tem mandato de quatro anos e sendo trocado pelo menos 1/3 de seu grupo.

Quando um participa de um conselho ou tem algum parente que participa não se pode ser candidato do mesmo grupo e nem fazer parte dos dois conselhos ao mesmo tempo. Bem como não ser da diretoria.

Na diretoria são três representantes ativos da cooperativa, escolhidos por eleições e estes são como funcionários da instituição e respondem por documentos, reuniões e decisões internas que não precisem do consenso total. Tem mandato de quatro anos podendo ser reeleitos uma única vez.

4º - Autonomia e independência - as cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem ao capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa.

5º - Educação, formação e informação - as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação.

6º - *Intercooperação* - as cooperativas servem de forma mais eficaz aos seus membros e dão mais - força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.

7º - *Interesse pela comunidade* - as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros.

4.3 COOPERATIVAS NO BRASIL

Segundo o site *O seu dinheiro vale mais* (acessado 04/10/2016), foi em meados do século XIX, mais precisamente em 1889, que surgiu a primeira cooperativa do país. Uma cooperativa de consumo em Ouro Preto/MG. Já no século XX, em 1902, surge a primeira cooperativa de crédito, no Rio Grande do Sul e em 1906, começam a se desenvolver as primeiras cooperativas agropecuárias nacionais. Essas são as primeiras instituições do Movimento Cooperativo Brasileiro de que se tem registro. Marcam a origem da implantação do sistema no país.

Em sequência, foi criada em 1969 a OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras – é um órgão da sociedade civil, sem fins lucrativos e com neutralidade política e religiosa, a única representante e defensora dos interesses do cooperativismo nacional.

Segundo o site da OCB:

Em 1995, o cooperativismo brasileiro ganhou o reconhecimento internacional. Roberto Rodrigues, ex-presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, foi eleito o primeiro não europeu para a presidência da Aliança Cooperativista Internacional (ACI). Este fato contribuiu também para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras (http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp, acessado em 04/10/2016).

Contudo mesmo que em 1971, a Lei 5.764/71 disciplinou a criação de cooperativas no país, a legislação limitou a autonomia dos cooperados, interferindo na função real das instituições, o que só foi resolvido com a Constituição de 1988, que restringiu a interferência do Estado e deu as cooperativas o poder de

independência. Finalmente, naquela época, as cooperativas tinham uma organização própria que as defendesse.

Informações do site *O seu dinheiro vale mais*, mostra como estão divididos os dados cooperativistas do país:

Atualmente, há mais de 6.800 cooperativas no país. Desse total, mais de 3500 são cooperativas agropecuárias, de transporte e de crédito. As outras se dividem em cooperativas de trabalho, de saúde, educacionais, habitacionais, de produção, de infraestrutura, de consumo, de minerais e até de turismo e lazer (<http://www.osedinheirovalemás.com.br/historia-do-cooperativismo-no-brasil/> acesso em 04/10/2016).

Hoje as cooperativas têm grande força e influência no campo econômico brasileiro, dando melhores condições aqueles que procuram apoio a mercados antes desconhecidos.

4.4 DADOS DE UMA COOPERATIVA AGRÍCOLA

Há 31 anos uma cooperativa atuante na cidade de Franca e mais 5 pólos na região do setor agropecuário cresce em seu mercado e também na quantidade de cooperados associados, o estudo de caso na *Pecoop* foi feito através da coleta de dados referente ao mercado desta empresa e ao quadro de colaboradores nos últimos 5 anos, de 2011 a 2015.

Tabela 7 – Quantidade de funcionários e divisão dos gêneros

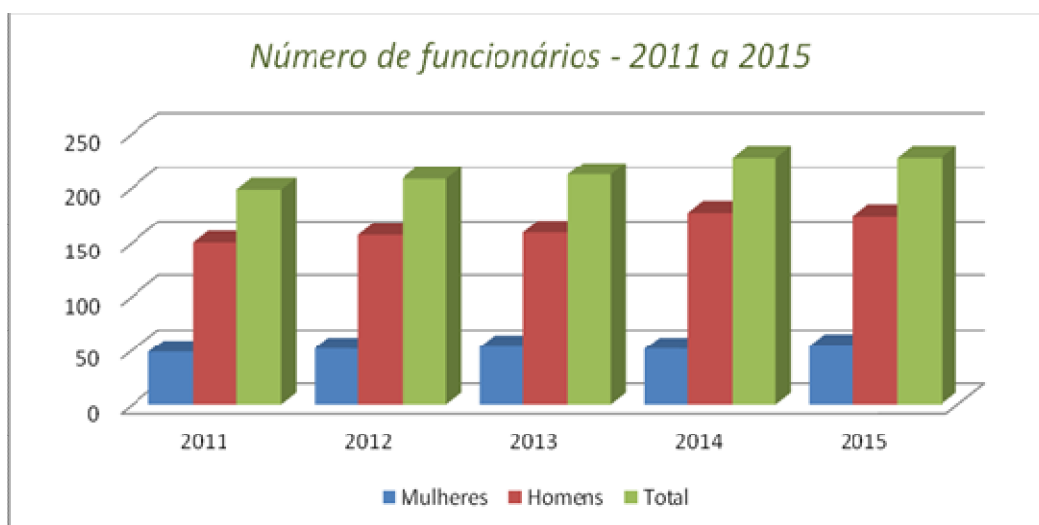
Número de funcionários			
Anos	Mulheres	Homens	Total
2011	48	150	198
2012	51	157	208
2013	53	159	212
2014	51	177	228
2015	54	174	228

Fonte: Elaboração própria – Dados recolhidos da cooperativa Pecoop.

Nota-se que mesmo o número de mulheres tendo aumentado nos anos analisados, verifica-se que não se faz diferença entre a quantidade de homens em

contratação. Sendo mais de 50% a mais a contratação de homens do que mulheres, pode-se explicar que dentro dessa análise constata-se a uma pesquisa que a maioria dos homens contratos trabalhem em funções de produção, onde não se encontra mulheres, nesta empresa, no ramo, somando a uma desvantagem no número de mulheres contratadas.

Gráfico 3 – Funcionários Pecoop - 2011 a 2015



Fonte: Elaboração própria – Dados referentes à tabela 7.

O nível da inserção da mulher no mercado analisado continua nos mesmos patamares entre os cinco anos, não diferenciando muito do nível masculino, observado na tabela 7 e gráfico 3.

Tabela 8 – Número de homens por mulheres contratadas

Números de homens por mulheres	
2011	3,13
2012	3,08
2013	3,00
2014	3,47
2015	3,22
Média	3,18

Fonte: Elaboração própria – Dados recolhidos da cooperativa Pecoop.

Em média dos cinco anos o número de homens continua superior ao número de mulheres, analisado na tabela 8, sob mercado de trabalho em questão, tendo, portanto aproximadamente três homens contratados por cada mulher.

Tabela 9 – Percentual de funcionários da cooperativa Pecoop

Porcentagem de mulheres pelo total de funcionários	
2011	24,24%
2012	24,52%
2013	25,00%
2014	22,37%
2015	23,68%
Média	23,96%

Fonte: Elaboração própria – Dados recolhidos da cooperativa Pecoop

Se levar em consideração o percentual total de contratados nos anos analisados considera-se que 24% na média contratadas são do sexo feminino, portanto 76% ainda correspondem ao sexo oposto, podendo notar que no ano de 2013 houve o pico de maior contratação destas e logo um declínio nos anos subsequentes.

Sobre a pesquisa pode-se concluir que a grande maioria dos cargos de gerencia e gestão estão sendo comandados por mulheres, na *Pecoop*, porém em cargos inferiores as diferenças com a contratação masculina se faz enorme ao que diz respeito a contratação de mulheres.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por finalidade, através de uma revisão bibliográfica, mostrar a evolução e inserção da mulher no mercado de trabalho em relação ao sexo oposto e suas desigualdades ao longo da história e na atualidade.

Tratou-se de uma dissertação para análise do mercado de trabalho e sua anuência entre os gêneros, por finalidade chegar a uma conclusão de que as diferenças mesmo que menores entre homens e mulheres, podem ainda existir.

Com todo o histórico feminino notou-se que devido às lutas sobre direitos iguais, as mulheres alcançaram melhores posições profissionais e sociais no mundo. Entretanto há muito ainda pelo que se lutar, porém a cada período as mudanças são visíveis.

Logo, em busca de reconhecimento da ascensão da mulher no mercado de trabalho, mostrou-se que ainda há esperança e prosperidade para a igualdade da humanidade com relação ao principal tema aqui estudado comparando os gêneros feminino e masculino e seu sucesso no mercado de trabalho.

Neste trabalho foi mostrada a história do trabalho, passando por escravidão, feudalismo e toda a transição da evolução trabalhista e dados atuais de melhores condições de trabalho e funções, não deixando de citar os trajetos percorridos por trabalhadores de todo o mundo. Ficou especificada também a evolução do trabalho no Brasil, o que passou por vários trajetos complicados assim como pelo mundo, dando origem hoje ao trabalho com sindicatos e melhores direitos aos colaboradores das empresas.

Dentro deste contexto dissertou-se sobre a evolução da mulher na sociedade e no trabalho, ao qual é o tema central, mostrando os preconceitos e dificuldades por elas enfrentados em relação à inserção em estudos e empregos, sendo considerada *sexo frágil* pela sociedade denominada machista. Conquistas foram alcançadas ao longo da história da luta de gêneros por igualdade e atualmente as diferenças estão cada vez mais extintas, porém não se pode dizer que tais não existem, porque mesmo com todas as conquistas o sexo feminino passa por diversas diferenças quando comparadas com os homens no mercado trabalhista.

Em seguida mostrou-se a história e abrangência do mercado de trabalho cooperativista, mercado mais atual, porém de grande importância para determinados grupos e ramos produtivos do país.

Cooperativismo é uma palavra nova, mas que ganha espaço no Brasil a cada período novo, por conta de sua visão coletiva e missão focada na união e bem social a todos e a tudo a sua volta, sociedade, meio ambiente etc. Cooperativas se tornarão meios mais completos e melhores apoios para inserção no mercado e uma economia mais lucrativa para aqueles que estão inseridos, melhores vantagens sociais e maiores condições de trabalho aos seus colaboradores.

Diante do estudo de caso na empresa *Pecoop* nota-se a evolução das mulheres no mercado de trabalho nos últimos cinco anos e a evolução mesmo que pequena, porém existente. Com relação aos homens as mulheres ainda estão em patamares distintos, não ocupando cargos que são denominados como masculinos, impedindo as mulheres de melhores chances de trabalho e condições de salários, o que pode ser visto através de notícias e reportagens sobre o tema.

Contudo, observou-se que há muito onde o trabalho feminino possa e deva chegar, sendo que para isso seja necessário uma sociedade com melhores informações dos seus direitos, oportunidades e igualdades para ambos os gêneros, onde cada vez a desigualdade se torne menor até a condição igualitária entre homens e mulheres.

REFERENCIAS

BARBOZA, Mariana Queiroz. ISTOÉ. Economia e negócios. *Mesmo no topo, elas ainda ganham menos*, 07 abr. 2014. Disponível em: <http://istoe.com.br/351254_MESMO+NO+TOPO+ELAS+AINDA+GANHAM+MENOS/>. Acesso em: 06 jul. 2016.

BELLONI, Luiza. HUFFPOST BRASIL. *Atrás do Iêmen e Arábia Saudita, Brasil está entre os 15 países com maior disparidade salarial entre homens e mulheres*, 26 out. 2016. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2016/10/26/brasil-desigualdade-de-genero-trabalho_n_12654486.html?utm_hp_ref=mulheres>. Acesso em: 30 out. 2016;

CANCIAN, Renato. UOL, 07 out. 2008. *UOL Sociologia, Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

CIROLINI, Vicente; NORO, Greice de Bem. *A Participação Da Mulher Na Gestão das Cooperativas: um estudo realizado na Cotrisel*. *DisciplinarumScientia*. Série: Ciências Sociais Aplicadas, S. Maria, v. 4, n. 1, p. 29-43, 2008.

FAVIANO, Giovana. Historiando. *Breve histórico do trabalho no Brasil*, 31 jul. 2010. Disponível em: <<http://profetadopassado.blogspot.com.br/2010/07/breve-historico-do-trabalho-no-brasil.html>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

FERREIRA, Bruno. *História Total*, 05 abr. 2013. Disponível em: <<http://historiabruno.blogspot.com.br/2013/04/a-historia-do-trabalho.html>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

GAWLAK, Albino. *Cooperativismo: primeiras lições*. 3. Ed. Brasília: Sescoop, 2007.

HISTÓRIA do Brasil. *Sociedade Açucareira no Brasil Colonial - resumo, características*. Disponível em: <http://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/sociedade_acucareira.htm>. Acesso em: 05 jul. 2016.

JORNAL Hoje. Globo. *Salário das mulheres ainda é 30% menor que o dos homens*, 09 abr. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/salario-das-mulheres-ainda-e-30-menor-que-o-dos-homens.html>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

NASCIMENTO, Regina Helena do. *Breve Histórico da Organização do Trabalho*. Disponível em: <<http://www.hospvirt.org.br/enfermagem/port/orgtrab.html>>. Acesso em: 04 out. 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PORTAL Brasil. Economia e emprego. *Presença feminina aumenta no mercado formal de trabalho*, 07 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/03/presenca-feminina-aumenta-no-mercado-formal-de-trabalho>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

PROBST, Elisiana Renata. RH Portal. *A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho*, 02 set. 2015. Disponível em: <<http://www.rhportal.com.br/artigos-rh/evoluo-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

OCB. *Movimento livre da influência do Estado*. Disponível em: <http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp>. Acesso em: 04 out. 2016.

OCB – ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRA; MA – MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO; SDR – SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL; DENACOOOP – DEPARTAMENTO DE COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO RURAL. *Cooperativismo*. Brasília, 1996.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. *História do trabalho*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

O SEU dinheiro vale mais. *História do cooperativismo no Brasil*, 3 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.oseudinheirovalemais.com.br/historia-do-cooperativismo-no-brasil/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

REVOLUÇÃO Feminista, 2010. Disponível em: <<http://revolucaofeminista.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em 29 abr. 2016.

ROCHA, Maria Isabel Baltarda. *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. 1. ed. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG. São Paulo: Ed 34, 2000.

SANTOS, Ramaiane Costa; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. Revista Anagrama. *O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas*, 2011. Ed. 5. São Paulo.

SESCOOP. *Cooperativismo: Primeiras lições*, 2007. Ed. 3. Brasília.

SISTEMA PED, Pesquisa de emprego e desemprego. *As Mulheres nos Mercados de Trabalho Metropolitanos*, mar. 2016, 10 p.

SOUZA, Érica Tonetto de; WATANABE, Melissa; YAMAGUCHI, Cristina Keiko; LOPES, Gisele Silveira Coelho. *Liderança Feminina: A Inserção do Núcleo Feminino em Uma Cooperativa do Extremo Sul de Santa Catarina*, 2015, 15 f.

TILLY, Louise A. *Gênero, História das Mulheres e História Social*, 1994. 34 p.

UNIVERSIDADE Livre Feminista. Disponível em:
<<http://feminismo.org.br/historia/>>. Acesso em: 21 abr. 2016

ZELIOLI, Silmara Aparecida. *A posição da mulher no mercado de trabalho*. 2015, 65f. (Monografia Ciências Econômicas). Uni-FACEF, Franca, 2015.

ANEXO 1

Site G1

Edição do dia 09/03/2015

09/03/2015 11h48 - Atualizado em 10/03/2015 11h35

Salário das mulheres ainda é 30% menor que o dos homens

Mulheres estão conquistando cargos de diretoria, presidências e chefias. Mesmo assim, o salário delas na mesma função ainda é menor.

A Sala de Emprego dessa segunda-feira (9) fala sobre a diferença salarial entre homens e mulheres. Apesar das mulheres terem conquistado cargos de diretoria, presidência e chefias, o salário delas é 30% menor, na mesma função deles.

Em um universo ainda masculino como o da tecnologia Daniela Sícoli conquistou o Olímpio.

Ela é gerente de recursos humanos da Microsoft no Brasil: “Nós temos 30% de mulheres no nosso corpo de funcionários. Seis, oito anos atrás a gente tinha não mais do que 22%”.

Exemplos como o da Daniela mostram que vem diminuindo a diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Segundo a Catho, a participação feminina na liderança das empresas aumentou 109,93% desde 2002. Os cargos que mais cresceram foram para vice-presidente, gerente, supervisora, presidente, diretora e encarregada.
saiba mais

“Acontece por uma melhor qualificação das mulheres. Fizemos uma análise desde 2002 a 2015 e isso levou a conclusão de que a participação das mulheres vem subindo e isso se reflete na remuneração também das mulheres”, afirma Murilo Cavellucci, diretor de gente e gestão da Catho.

O salário das mulheres tem subindo ano a ano mais do que o dos homens, mas ainda há diferença na remuneração quando eles ocupam a mesma função. A pesquisa anual da Catho indicou que os homens ganham, em média, até 30% a mais. Quanto menor o cargo, maior é a diferença. No cargo de técnico, por exemplo, um homem ganha R\$ 2.300 e uma mulher R\$ 1.800. Na gerência, o salário do homem é de R\$ 19.200 e o da mulher R\$ 18.600.

“Podemos perceber que o salário das mulheres sobe mais do que o dos homens e isso faz com que essa diferença historicamente apresentada venha diminuindo em alguns

cargos. Em cargos de alta liderança, diretores e vice-presidentes, essa diferença média chega a ser menor que 4%. O que indica que a tendência é que a diferença da remuneração entre homens e mulheres vai desaparecer num curto espaço de tempo”, prevê Murilo.

Antes disso acontecer, vai ser preciso convencer o mercado. Muitas empresas de recrutamento e seleção costumam olhar as mulheres com desconfiança e questionar se elas serão capazes de equilibrar a vida pessoal e com a profissional.

“A mulher se afasta do mercado e como qualquer candidato o mercado muitas vezes não entende que esse afastamento aconteceu por uma maternidade. Existe um preconceito que ela se desatualizou, que ela de repente não merece mais ganhar tanto. A mulher pode sim ter uma diminuição salarial e equiparada com um homem ela vai ficar um pouco mais pra trás”, diz Juliana Alvarez, gerente da da Page Personnel.

Daniela teve que se afastar da empresa dois meses antes de dar a luz aos trigêmeos porque não conseguia se locomover com o barrigão. Ela trabalhou de casa e depois da licença maternidade voltou com tudo: “O que a gente mede aqui é o resultado, não importa efetivamente de onde você exerça o seu trabalho, o que a gente vai querer ver é o impacto que você traz, o resultado que você traz”.

Diferenças salariais

Alguns números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) abordam os salários dos brasileiros, como o rendimento médio mensal entre homens e mulheres com carteira assinada em 2004 e 2013. Em 2004, os homens ganhavam R\$ 1.705 e as mulheres R\$ 1.233. A diferença salarial era de 28%. Em 2013, eles passaram a ganhar R\$ 2.146 e elas R\$ 1.614. A diferença diminuiu para 25%.

Na análise sobre os maiores salários por região, as estatísticas mostram que os homens ganham mais no Sudeste (R\$ 5.691). Depois, vem o Centro-Oeste (R\$ 5.496), o Sul (R\$ 4.842), o Nordeste (R\$ 3.966) e o Norte (R\$ 3.841).

Já as mulheres ganham mais no Centro-Oeste (R\$ 4.117). Em seguida, estão Sudeste (R\$ 3.873), Sul (R\$ 2.992), Norte (R\$ 2.948) e, por último, o Nordeste (R\$ 2.727).

Analisando o salário por setor, os homens ganham mais na construção civil (R\$ 9.219), depois na indústria (R\$ 5.767) e, em terceiro lugar, vem o setor da educação, saúde e serviços sociais (R\$ 5.630). Já as mulheres também ganham mais na construção civil (R\$ 6.197), só que 33% a menos que os homens e isso no mesmo cargo. Em segundo

lugar aparece o setor de transporte, armazenagem e comunicação (R\$ 4.185) e em terceiro a indústria (R\$ 3.996).

ANEXO 2

Site HuffPost Brasil | De Luiza Belloni

Publicado: 26/10/2016 11:52 BRST Atualizado: 26/10/2016 12:42 BRST

Atrás do Iêmen e Arábia Saudita, Brasil está entre os 15 países com maior disparidade salarial entre homens e mulheres

O Brasil é um 15 países com maior disparidade salarial entre homens e mulheres, de acordo com o Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016, publicado nesta quarta-feira (26) pelo Fórum Econômico Mundial.

Em termos de igualdade salarial, o Brasil está na **129ª posição** entre os 144 países pesquisados e fica atrás de regiões criticadas por violações aos direitos das mulheres, como o Iêmen (79º), Paquistão (114º) e Arábia Saudita (109º). Segundo o relatório, se o atual ritmo de progresso for mantido, o Brasil levará 104 anos para igualar as remunerações de homens e mulheres que exercem as mesmas funções -- tempo abaixo da média global de 170 anos, mas ainda considerado bem alto.

Na 129ª posição, o Brasil também fica atrás dos vizinhos sul-americanos. A Argentina aparece na 126ª posição, a Colômbia no 102º lugar, Uruguai na 112ª posição e Venezuela, na 69ª posição.

No mundo, o 'gap salarial' ainda é gigantesco. Em média, as mulheres ganham pouco mais da metade que os homens ganham, apesar de trabalharem mais horas, considerando o trabalho remunerado e não remunerado (doméstico, por exemplo). Outro ponto preocupante apontado pelo estudo é a participação das mulheres na força de trabalho, com média global estagnada em 54%, enquanto a participação dos homens é de 81%.

O número de mulheres em cargos altos e de chefia também se mantiveram baixos. Apenas quatro países no mundo têm números iguais de políticos, oficiais de alto escalão e executivos homens e mulheres. Neste quesito, o Brasil está em 33º lugar.

Além da participação e oportunidades das mulheres na economia, o relatório analisa mais três áreas: acesso à educação, saúde e sobrevivência e empoderamento político. Nelas, o Brasil se destaca em saúde e sobrevivência, ficando na primeira colocação, com ótimos níveis de sobrevivência de meninas desde o nascimento e expectativa de vida de 68 anos. Na educação, o Brasil está na 42ª posição e, no empoderamento político, na 86ª colocação. Se contar o número de mulheres no parlamento, o Brasil cai para a 120ª posição.

No ranking geral, no qual somam-se todos os quesitos, o Brasil aparece na 79ª posição, o que representa uma queda de 12 posições em relação a 2006. Isso significa que, ao longo dos dez anos, o Brasil aumentou ainda mais a disparidade entre homens e mulheres, sobretudo na área de participação e oportunidades das mulheres na economia, **na qual despencou do 63º lugar para o 91º**. Na educação, o Brasil avançou do 74º lugar para o 42º, entre 2006 e 2016, e se manteve nas áreas de saúde e empoderamento político.

Países mais igualitários

Na contramão do Iêmen, Paquistão, Síria, Arábia Saudita, Chade, Irã, Marrocos, Jordânia, entre outros, a Islândia, Finlândia e Noruega encabeçam a lista dos países que mais tratam homens e mulheres iguais.

Mesmo considerado o país que mais combate a desigualdade de gênero, a Islândia foi palco de um protesto por equiparação salarial na última segunda-feira (24). Milhares de mulheres deixaram seus postos de trabalho pontualmente às 14h38 e se reuniram na praça Austurvöllur, na capital do país, Reykjavík, para exigir o fim das diferenças salariais. Estudos apontam que as irlandesas ganham, em média, 17% a menos do que os homens.